

Marcas do sagrado na poesia de Gregório de Matos

Izabel Cristina Oliveira Martinsⁱ (PPGLI)
Ângela Maria de Soutoⁱⁱ (PPGLI)
Michelle Pinto da Silvaⁱⁱⁱ (PPGLI)

Resumo:

*Partindo das nossas leituras e discussões a respeito da temática do sagrado e do profano, propomos algumas interpretações e reflexões sobre a mesma na poesia de Gregório de Matos, escritor brasileiro da estética Barroca. Para tanto, utilizaremos os argumentos de Mircea Eliade (2010), historiador das religiões, cuja obra **O sagrado e o profano**, explica o sagrado através de sua relação binária com o profano, assim como as contribuições teóricas de autores como Alfredo Bosi, Segismundo Spina, João Adolfo Hansen, dentre outros. Tentaremos aqui através de um olhar mais reflexivo que analítico – uma vez que acreditamos ser toda obra literária, especialmente a poesia, carregada de ressignificações – perceber como acontece a manifestação do sagrado e conseqüentemente como se revela o profano em alguns dos poemas gregorianos.*

Palavras-chave: Sagrado, Profano, Gregório de Matos.

1 Introdução

A História tem se encarregado de demonstrar casos irrefutáveis de que o sagrado e o profano fazem parte da vida do homem. Desde os tempos *primevos*, tanto no Ocidente como no Oriente, há indícios de que as pessoas têm vivido de modo a cultuar deuses, que de acordo com Freud (1997, p. 29-30) possuem uma tríplice missão: “exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impõe.”.

A primeira condição para se compreender as concepções de sagrado e de profano, de acordo com Mircea Eliade (2010), é considerar o homem como um ser religioso que por mais que tente se dizer dessacralizado, como é o caso do homem moderno, não consegue abolir de vez este comportamento.

A partir dessa premissa é possível entender o papel das religiões em todas as sociedades e o poder que elas exercem sobre a visão de mundo dos diversos grupos sociais. Assim, “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história.” (ELIADE, 2010, p. 14-15.).

O **Sagrado** e o **Profano** são indissociáveis, já que a existência de um depende do outro; nesta perspectiva eles se complementam mesmo sendo opostos:

Pode-se medir o precipício que separa as duas modalidades de experiência – sagrada e profana – lendo-se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho etc.) (ELIADE, 2010, p.20).

O complexo dialético do sagrado e do profano, destacado por Eliade, aparece muito evidente na obra de Gregório de Matos, talvez porque sua escola literária, o Barroco, tenha florescido num período de grande efervescência de ideias e de manifestações que motivaram o homem a ter uma nova concepção sobre o mundo e desta forma levaram-no a abandonar o Teocentrismo, pensamento dominante da Idade Média que perdeu espaço para o Antropocentrismo.

Diante do exposto, é necessário que fique bem claro que não pretendemos medir o grau de sacralização ou dessacralização entre o homem barroco e o homem contemporâneo, pois estamos conscientes de que existe uma diferença de experiência religiosa entre eles.

2. Reflexões sobre o sagrado e o profano no ato poético gregoriano

Gregório de Matos destaca-se como expressão brasileira do Barroco e é reconhecido por ter militado por todos os setores da poesia. Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 37), sua poesia merece ser conclamada tanto como “documento da vida social dos Seiscentos” quanto “pelo nível artístico que atingiu”. Já para Segismundo Spina (2004, p. 114), Gregório foi “o primeiro prelo e o primeiro jornal que circulou na Colônia”, sobressaindo-se principalmente, por sua irreverência tão bem representada nos poemas satíricos e eróticos.

O aspecto satírico do poema gregoriano além de denunciar toda a sociedade de sua época também serviu para abrigar o Barroco importado da Europa.

No conjunto da obra de Gregório de Matos, a poesia lírica profana divide-se em amorosa e erótica. Sobre esta dualidade Spina (2004) afirma:

Não é de admirar num espírito barroco, cheio de contradições, que ao lado do amor concupiscível surgisse às vezes uma forma quase platônica de concepção da mulher: A figura de Ângela, de raríssima formosura; a de Carina, por quem vibrou as cordas já cansadas de sua lira... (SPINA, 2004, p.116)

Amado por uns, odiado por outros, Gregório provocou um verdadeiro rebuliço na sociedade baiana e na crítica literária brasileira que questiona até hoje os conceitos de autoria e a originalidade de sua obra. Segundo Antonio Miranda (2010), quem melhor se aproximou da “Questão Gregoriana” foi João Adolfo Hansen em seu livro *A sátira e o engenho – Gregório de Mattos e a Bahia do século XVII* onde o autor “recoloca a questão central da autoria e a conceituação do barroco para entendermos a produção satírica de Gregório de Matos em seu momento de criação”. Ainda segundo Miranda, “uma questão basilar no raciocínio de Hansen está ligado às noções de autoria, novidade estética, plágio e originalidade que eram bem diferentes no período barroco”.

A poesia engenhosa do século XVII é um estilo, no sentido forte do termo, linguagem estereotipada de lugares-comuns retórico-poéticos anônimos e coletivizados como elementos do todo social objetivo repartidos em gêneros e subestilos. Evite-se o estereótipo: ‘estereotipada’ significa aqui, nem mais nem menos, fortemente regrada por prescrições de produção e recepção, não o pejorativo do desgaste dos usos e redundância. Não é ‘inventiva’ – no sentido rotineiro de ‘expressão desviante’ –, mas engenhosa, aguda e maravilhosa, no sentido das convenções sociais seiscentistas da discrição cortês, do gosto vulgar, do engenho agudo e da fantasia poética. Ao poeta seiscentista é mais estranho que a originalidade expressiva, sendo a sua invenção antes uma arte combinatória e propriamente, expressão de psicologia individual original, representação realista-naturalista do contexto, ruptura estática com a tradição etc. (HANSEN apud MIRANDA, 2010, p. 2)

Desta maneira, conforme postulado por Hansen, é conveniente situar o poeta em seu tempo, objetivando entender sua posição e valorá-lo como expressão brasileira da estética barroca, nos seus vários aspectos: erótico, satírico, religioso e encomiástico.

É comum nos poemas de Gregório de Matos a presença de imagens que remetem à religiosidade, principalmente no que diz respeito a sua poesia religiosa que tematiza a *culpa* e o *arrependimento*. O poeta baiano se entrega a diálogos e súplicas para externar seus sentimentos em relação àquele que é considerado o filho de Deus. Sua poética é impregnada da junção do sagrado e do profano, mesmo que este último apareça de certa forma, mascarado:

A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.
Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

(MATOS, Gregório de. Poemas escolhidos de Gregório de Matos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Seleção e organização de José Miguel Wisnik. p. 313).

Neste poema, a dualidade matéria/espírito projeta-se na dualidade culpa/perdão. É como se estivéssemos diante do confessionário ouvindo as súplicas do eu-lírico tentando

assim garantir um suposto perdão através do ato de contrição. Temos ainda evidente o reconhecimento do pecado como sendo um erro humano, mas também, como a única forma de Deus desempenhar o ato do perdão.

Por excelência a temática é religiosa, mas identificamos elementos “satíricos” quando se faz a inferiorização da imagem divina, no que concerne a supressão da superioridade de Deus, no sentido de que – como se expressa – este é quem necessita do homem pecador para exercer uma de suas supremacias divinas: o perdão. Fica-nos a seguinte indagação: Não seria uma dessacralização e/ou profanação, neste sentido, o rebaixamento de uma divindade e a elevação do ser humano em detrimento desta divindade?

De qualquer forma conclui-se, no poema, que o Senhor para não perder a sua glória, buscará a sua ovelha perdida, e garantirá o perdão ao pecador. Não podemos deixar de lembrar que a metáfora “ovelha desgarrada”, faz referência ao Evangelho de Mateus: “Que vos parece se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?” (Mt18: 12) e que o eu-lírico se comporta como espécie de advogado que faz a própria defesa diante de Deus como sendo, neste sentido, uma obrigação da divindade dar-lhe o perdão para que ela se concretize como tal.

Percebemos que mesmo se tratando sobre poesias religiosas e classificadas como sacras por alguns estudiosos, as poesias aqui selecionadas para nossa reflexão colocam aguilhões quanto ao ser divino, dentro de uma perspectiva que ele só exerce o seu “poder” pelo simples fato do ser humano existir para pecar e ele para perdoar, deste modo, Gregório estabelece uma relação de dependência do poder divino aos pecados do ser humano para aquele manter sua existência como divindade.

No soneto gregoriano abaixo **No dia de quarta feira de cinzas** encontramos uma nulidade que aparece claramente expressa:

Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te

Te lembra hoje Deus por sua Igreja;
Do pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.

Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te,

E como o teu baixel sempre fraqueja
Nos mares da vaidade, onde peleja,
Te põe à vista a terra, onde salvar-te.

Alerta, alerta, pois, que o vento berra.
Se assopra a vaidade e incha o pano,
Na proa a terra tens, amaina e ferra.

Todo o lenho mortal, baixel humano,
Se busca a salvação, tome hoje terra,
Que a terra de hoje é porto soberano.

(MATOS, Gregório de. Poemas escolhidos de Gregório de Matos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Seleção e organização de José Miguel Wisnik. p. 328, grifo nosso).

No primeiro verso – que remete a Gênesis (18:27 “senão cinza e pó.”) – há a indicação de um ritual de grande significação: o fato de que o homem foi formado da terra e para ela retornará. Através desse verso, o eu-lírico aponta Deus como aquele que lembra ao homem, através de sua “igreja”, sua “insignificância”, reforçando assim seu sentimento de nulidade. O quinto verso que dialoga com Eclesiastes (3:20: “Todos vão para o mesmo lugar: Todos vêm do pó e ao pó todos retornam.”) reforça a ideia de Deus como um “ser todopoderoso”, aquele que pode tudo, inclusive humilhar a sua própria criação: **Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te.**

O título, bastante apropriado, nos remete a um evento religioso: a quarta-feira de cinzas, dia em que, para a igreja católica, começa a Quaresma. Conforme Eliade (2010), o tempo festivo religioso é, para o homem religioso, um tempo sagrado e enquanto participa dos ritos e rituais, sai do tempo histórico, isto é, do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais.

A metaforização do poema, principalmente em: homem = baixel que sempre fraqueja, também merece uma atenção especial. Por ser baixel (barco pequeno), o homem é conduzido

pelo vento nas águas do mar da vaidade, mas logo que é lembrado de sua condição “inferior” a Deus, “abranda” e percebe que ele não passa de um lenho mortal.

Aqui apesar de encontrarmos essa nulidade do homem, ou seja, seu suposto pavor diante do ser divino e de sua superioridade, não devemos nos enganar, ficarmos apenas nessa visão, pois além de existir uma crítica à vaidade humana, Gregório de Matos faz um escárnio ao ser humano criado, já que ele não passa de “lenho mortal” e a única coisa soberana que ele tem é a terra, é o pó do qual foi criado. Isto nos faz acreditar mais uma vez que mesmo pertencendo à temática religiosa, este soneto, não deixa de apresentar resquícios satíricos.

Em dados momentos do seu fazer poético, Gregório de Matos discorre sobre o espaço, considerando-o desconcertado e longínquo do ideal:

**QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI ERRADO, E QUERENDO
EMENDÁ-LO O TEM POR EMPRESA DIFICULTOSA**

Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ornadas,
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,
Erra, quem presumir, que sabe tudo,
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,
Que é melhor neste mundo o mar de enganos
Ser louco cos demais, que ser sisudo.

(MATOS, Gregório de. et. al. *Antologia da poesia barroca brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. Sel. e org. de Emerson Tin. p. 75).

Note-se a dessacralização do espaço neste poema e a tentativa de ressacralizá-lo. Contudo diante de tal dificuldade, o eu-lírico por mais que tente distanciar-se do espaço em que vive, segue na sua experiência profana: “O remédio será seguir o imundo caminho”, sem “ponto fixo”, o que o leva a andanças, impossibilitando-lhe a orientação e instigando-lhe a degradação e dessacralização dos supostos valores religiosos, conforme atesta Eliade:

(...) um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real. A experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade e portanto a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o ‘ponto fixo’ já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. (2010, p.18)

Não raro, o poeta procura autodefinir-se, ou para compreender sua condição de ser vivente que tenta inserir-se com maior pertinência na sociedade ou para defender-se dos comentários endereçados a ele por seus adversários. Para isto utiliza-se da sátira, gênero que o fez ficar reconhecido por sua irreverência e que lhe propiciou a alcunha “Boca do Inferno”.

Segundo Segismundo Spina, Gregório de Matos foi “a personificação da sátira: calar, para ele, era um silêncio de morte”, motivo pelo qual em seus textos:

Desfilaram sob o cautério impiedoso os ermitões de água turva, os pregadores de cartapácio, os confessores e os falsos santarrões; calcinou e descarnou as debilidades do mau clero, o relaxamento da ordem beneditina, as torpezas desses “cantáridas de cordão, maganos da Religião e mariolas da Igreja”. (Spina, 2004: p.118)

(...) Não parou por aí: investiu ainda contra a plebe, contra os precavidores funcionários públicos, contra o luxo e contra as mulheres, que, sem as alfaias, as argolas, os broches e as saias de labirinto, não saíam para a igreja... (Idem)

Em “Epístola ao conde do Prado” (poema formado por trinta e quatro quartetos), poema satírico, vejamos como através da autodefinição, o eu-lírico procura traduzir-se num mundo, ao qual adere e que é, no entanto, seu inimigo:

EPÍSTOLA AO CONDE DO PRADO

(...)

Era eu em Portugal
sábio, discreto, entendido,
poeta, melhor que alguns,
douto como os meus vizinhos.

Chegando a esta cidade,
logo fui nada disto:
porque o direito entre o torto
parece que anda torcido.

Sou um herege, um asnote,
mau cristão, pior ministro,
mal entendido entre todos,
de nenhum bem entendido.

(...)

(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Sel. e org. de José Miguel Wisnik. p. 152).

Em suma, à medida que busca compreender-se e/ou explicar-se, o eu-lírico revela seus ressentimentos diante de um espaço que não mais lhe acolhe e que lhe considera “dessacralizado”. Sobre esta questão da dessacralização do homem convém lembrar o pensamento de Eliade (2009, p. 18):

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for a dessacralização do imundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso.

Possivelmente, seja por esta razão, que o eu-lírico em Gregório não consegue desligar-se por completo do mundo sacralizado, uma vez que, conforme Eliade expôs “o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso.”.

Conclusão

Diante do que foi exposto, sobre a poética gregoriana e sua relação com o Sagrado e o Profano, ficou evidente que em seus poemas analisados, o Sagrado e o profano são indissociáveis. Assim, não podemos ficar numa ideia ingênua, confundindo a temática da “culpa” exercida pelo autor-criador com o autor-pessoa, já que como Bakhtin coloca, eles são distintos.

Como já fora colocado, o nosso objetivo é refletir sobre a manifestação do Sagrado e o Profano e não fazer uma análise detalhada acerca dos poemas selecionados, embora para isso tenhamos feito algumas apreciações para comprovar a relação que há nas poesias gregorianas quanto à temática proposta em nossas discussões.

Para complementar e encerrar as nossas discussões, torna-se pertinente para nossa apreciação o poema *Autopsicografia* de Fernando Pessoa em que se coloca que “O poeta é um fingidor.”

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: Estética da criação verbal. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1997.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Trad. de Rogério Fernandes.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu.
- MATOS, Gregório de. **Poemas escolhidos de Gregório de Matos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Sel. e org. de José Miguel Wisnik.
- _____. et. al. **Antologia da poesia barroca brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. Sel. e org. de Emerson Tin.
- _____. **Gregório de Matos: Obra Poética**. Ed. James Amado; preparação e notas de Emanuel de Araújo. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- MIRANDA, Antonio. **Os conceitos de autoria e originalidade na obra de Gregório de Matos: uma controvérsia**. Disponível em: <[HTTP://antoniomiranda.com.br/ensaios/conceitos_de_autoria_e_originalidade.html](http://antoniomiranda.com.br/ensaios/conceitos_de_autoria_e_originalidade.html)>. Acesso em: 01/10/2012
- SPINA, Segismundo. **Gregório de Matos**. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A Literatura no Brasil*. 7. ed. ver. e atual. São Paulo: Global, 2004. v. 2, p.114-125.